

# “Penso na gramática como meio de exclusão”: linguagem como instrumento de poder na Educação



Cristina Raislana Vieira Evangelista



Maria Simone Bezerra Sousa



Ma. Antonia Karla Bezerra Gomes



[cristina.raislana.vieira08@aluno.ifce.edu.br](mailto:cristina.raislana.vieira08@aluno.ifce.edu.br)



[maria.simone.bezerra05@aluno.ifce.edu.br](mailto:maria.simone.bezerra05@aluno.ifce.edu.br)



[karla.gomes@ifce.edu.br](mailto:karla.gomes@ifce.edu.br)



Crateús - Ceará - IFCE

# Tópicos

A linguagem e escrita como instrumento de poder; ①

A relação escola e fortalecimento do poder simbólico de algumas variantes; linguísticas; ②

Processo de marginalização de outras variantes; ③

Conto ④

Escola opressora X Escola emancipatória; ⑤

Referências ⑥

1

## A linguagem e escrita como instrumento de poder

A realidade é construída pela linguagem que utilizamos para descrevê-la; nós mesmos somos produtos da linguagem que aprendemos. (Galiazzi,2003).

Entretanto, o processo de padronização da língua com base na gramática normativa estabelece uma relação de poder por se tratar de um conjunto de regras que legitima uma variedade de uso, considerada de difícil compreensão para o domínio das camadas populares da sociedade, que não a utilizam. (Neves, 2003)

2

## A relação escola e fortalecimento do poder simbólico de algumas variantes linguísticas

Tomando de empréstimo a definição do sociólogo Bourdieu (1975) sobre a violência simbólica, esta acontece quando a escola impõe aos estudantes a linguagem da classe dominante como a única forma de uso válida.

Nessa perspectiva, as instituições educacionais fortalecem a relação de poder predominante na sociedade, quando reproduzem a cultura, os valores e a linguagem da classe privilegiada.

2

## A relação escola e fortalecimento do poder simbólico de algumas variantes linguísticas

Ainda existe uma grande luta por políticas que visem a melhoria educacional, de maneira que se preze não somente pela quantidade, mas também pela qualidade, possibilitando um ensino gratuito capaz de acolher e transformar a realidade de tantas pessoas que estão à margem, pois, como afirma Soares (2000, p. 9), “A escola que existe é antes contra o povo que para o povo”.

Nesse sentido, a diferença entre variantes linguísticas se transforma em deficiência, em privação, em carência. Trata-se, na verdade, de uma atitude etnocêntrica, para a qual ser diferente das classes dominantes é ser inferior (Soares, 2000).

3

## Processo de marginalização de outras variantes

Em uma sociedade hierarquizada em classes com maior e menor prestígio, na qual a má distribuição de renda dificulta o acesso da maioria dos indivíduos aos espaços elitizados, dentre eles o sistema educacional, os estudantes provenientes das camadas populares, por não se sentirem parte desse meio, enfrentam dificuldades no processo de aprendizagem, o que, por vezes, os levam ao fracasso e até mesmo à evasão escolar.

Os valores das variantes linguísticas são atribuídos, socialmente, de acordo com o patamar ao qual pertence cada falante, mais precisamente, quanto mais elevada for a escala socioeconômica e o grau de escolarização dos falantes, maior será o prestígio das variantes linguísticas usadas por eles. (Lima, 2019).

É narrada a história de um estudante chamado Lúcio Rodrigues Barbosa, recém-chegado do interior. O jovem estudava em uma escola da periferia, de classes heterogêneas, ou seja, com discentes de diferentes idades e contextos sociais.

Logo nos primeiros dias, a professora percebeu que o estudante não estava frequentando as aulas. Alguns dias depois, Lúcio retorna à escola, e a professora o questiona sobre o motivo de sua ausência. Ele responde: “é que nós mudemo onti, fessora”. “nóis veio da fazenda”. A professora, prontamente, corrige-o dizendo: “Não se diz nós mudemo menino! A gente deve dizer: nós mudamos, tá?”

Desse modo, é possível perceber que a educadora não levou em consideração a existência de outras variantes, pois a negação a torna completamente excluída da realidade linguística, não se atentou também para a procedência histórico-cultural do discente e as consequências que um ensino conservador da gramática normativa poderia provocar em sua vida.

Após o episódio, toda a turma ri e, desde então, tornaram-se frequentes as piadinhas e chacotas. Os colegas chamavam-no sempre de “nóis mudemo”. Tal situação contribuiu para que Lúcio se sentisse excluído, não pertencente àquele ambiente, o que provocou a sua evasão escolar.

Assim, compreende-se que a escola, ao negar às classes populares o uso de sua própria linguagem (que é censurada e rejeitada), ao mesmo tempo que fracassa em levá-las ao domínio da linguagem de prestígio, colabora com as discriminações e a marginalização e, portanto, reproduz as desigualdades, como afirma Soares (2000).

Nessa perspectiva, a docente compreende que o ato de ensinar implica também aprender a respeitar as origens de uma classe que já é tão oprimida.

5

## Escola opressora X Escola emancipatória

Como explica Paulo Freire em seu livro: *Pedagogia do Oprimido* (1974), a educação opressora se dá por meio da transferência do conhecimento, em que o professor como autoridade detém todos os saberes, e o estudante é alguém vazio, um receptor que não é capaz de participar do seu processo de aprendizagem; é o que ele chama de educação bancária. De tal maneira, o ensino tradicional da gramática, que atribui superioridade a uma variante socialmente prestigiada da língua, considera linguisticamente deficientes os estudantes pertencentes às camadas populares, de modo que é concedido à escola o papel de suprir essas necessidades. (Soares, 2000)

Ainda de acordo com Freire (1991), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, nesse sentido, compreende-se que cada indivíduo ao chegar no espaço escolar carrega consigo uma bagagem cultural, fruto de seu ambiente e de suas vivências. De tal modo, seus conhecimentos devem ser acolhidos e respeitados, reconhecendo na língua que ele fala a sua própria identidade como ser humano (Bagno, 1999).

- BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: O que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 1999.
- BOGO, F. **Nóis Mudemo.** In: O quati e seus contos. 3 ed., Palmas: Kelps, 2009. pp.27-30.
- BOURDIEU, Pierre & PASSERON, Jean Claude. **A reprodução; elementos para uma teoria do sistema de ensino.** Trad. Reynaldo Beirão. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: paz e terra, 1974.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler – em três artigos que se completam.** São Paulo: Cortez Editora & Autores Associados, 1991.
- GALIAZZI, M. C. **Educar pela pesquisa: ambiente de formação de professores de ciências.** Ijuí: Ed. Unijuí, 2003.
- LIMA, F. E. L. N. **A variação linguística em sala de aula: mote para uma superação do preconceito linguístico.** Currais Novos, RN, 2019.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na língua portuguesa.** São Paulo: Contexto, 2003.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola, uma perspectiva social.** São Paulo, Ática, 2000, 95p.